

PIB do Brasil deverá cair mesmo que os juros baixem

Desvalorização não deve inverter o processo recessivo instalado, já que a produção está se retraindo há dois trimestres

Cláudia Schüffner

• A desvalorização cambial de 8,96% ocorrida ontem não deverá alterar o crescimento da economia brasileira este ano, mesmo que a medida permita uma queda gradual das taxas de juros. A previsão é do economista Lauro Faria, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), que mantém a expectativa de queda de 1% a 2% do Produto Interno Bruto (PIB). O chefe do Grupo de Acompanhamento Conjuntural do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), Paulo Levy, também mantém a previsão de queda de 1% do PIB, prevista no acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI).

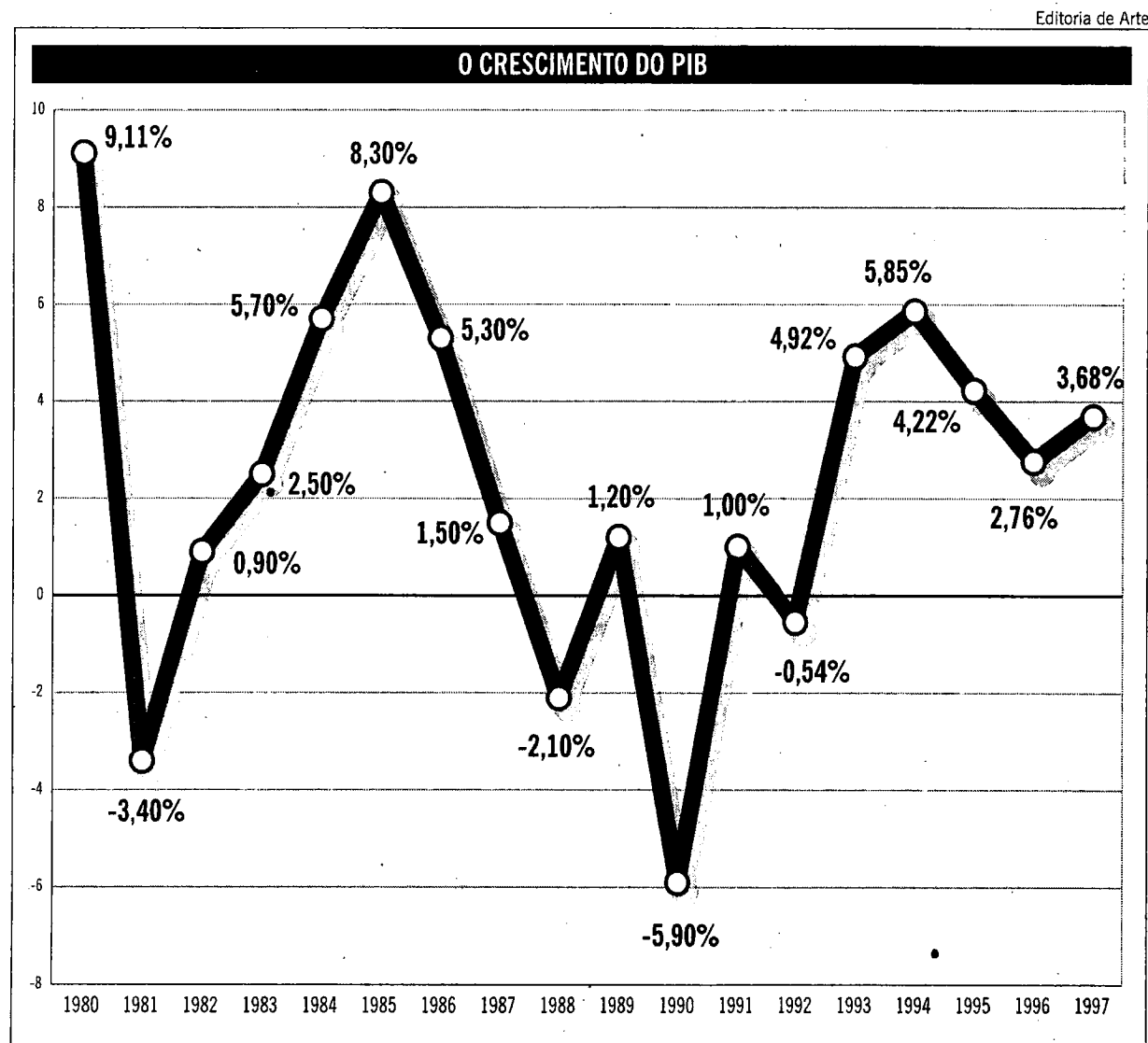
Desvalorização cambial abre espaço para queda dos juros

Para sustentar a manutenção das projeções anteriores, Faria afirma que, mesmo supondo que a desvalorização de ontem provoque retomada da produção e redução das importações, será difícil que o Brasil cresça nos mesmos níveis dos anos anteriores.

O economista da FGV lembra que o Brasil já enfrenta queda do PIB nos últimos dois trimestres e, por isso, será difícil reverter de forma repentina a queda da produção e o processo recessivo.

Economista da FGV prevê recuperação difícil em 1999

— Já temos um processo recessivo instalado e é difícil prever uma melhora já que a situação internacional também está difícil. A desvalorização cambial, que pode ficar em 9% ou ser maior do que isso, não deve influenciar muito. Temos que esperar os próximos dias — diz Faria.



Ele pondera que o Governo terá de continuar o processo de desvalorização cambial — se for necessário, o que ele afirma não saber — de modo que ela permita a queda dos juros. Trata-se de uma questão delicada, já que isso só deverá acontecer, segundo o economista da FGV, quando o dinheiro dos investidores parar de sair do país, o que deve aconte-

cer quando eles entenderem que o câmbio está equilibrado.

Quanto às projeções de aumento da inflação puxada pela alta do câmbio, Faria acredita que o impacto será pequeno, da ordem de 2% a 3%. A explicação é simples: a participação de produtos importados no PIB é pequena pois o país continua, a seu ver, fechado ao comércio externo. A avaliação

de Levy, do Ipea, é que a desvalorização favorecerá os exportadores sem aumentar a inflação:

— A inflação pode ser menor que 5%, até porque ninguém consegue prever como o câmbio é transferido para os preços. ■

• FMI DEVERÁ REVER METAS
FIXADAS NO ACORDO COM PAÍS,
na página 37